

A GUERRA: um fato social ligado à natureza humana, ao medo e às desilusões

Rafael Negri GIMENES¹

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sociológica sobre a relação entre a guerra e o homem pela ótica de dois fatores que a impulsionam: a natureza humana e o medo; e por um fator que é desencadeado pela guerra: a desilusão. Discutiremos pontos como: a natureza humana e sua influência na guerra - será que a guerra é algo inerente a natureza humana? -, o medo como um fator motriz que está presente e desencadeia a guerra; a guerra como luta pela sobrevivência em um ambiente hostil e cercado pelo medo; e por último, como que a guerra gera desilusão e nos faz questionar o porquê de tanta destruição, principalmente no século XX, onde presenciamos as maiores guerras feitas pela humanidade.

Palavras-chave: Guerras. Natureza humana. Medo. Desilusão.

THE WAR: a social fact connected with the human nature, the fear and the delusions

Abstract: This article proposes a sociological reflection on the relationship between war and man through the eyes of two factors that boosted the war: the human nature and the fear; and by a factor that is triggered by the war: the delusion. Discussing issues such as: human nature and its influence on the war – is that war inherent in human nature? -; fear as a driving factor that is present and triggers the war; the war as a struggle for survival in a hostile environment and surrounded by fear; and finally, how the war creates delusion and makes us question why so much destruction, especially in the twentieth century, which witnessed major wars fought by mankind.

Keywords: Wars. Human-nature. Fear. Delusion.

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (Faculdade de Ciências e Letras - FCL - Campus de Araraquara). E-mail: rafael-negri@hotmail.com.

Introdução

As guerras e a humanidade são uma realidade tão constante em nossa história que é difícil encontrar períodos onde uma paz duradoura reina em nosso mundo. Elas estão presentes em nossa história e em nossas vidas, mesmo que tentemos ignorá-las, e o sociólogo italiano Alessandro Dal Lago (2010) não está errado em iniciar sua reflexão sobre as nossas guerras atuais com uma interessante epígrafe atribuída a Trotsky, que nos diz que por mais que tentemos ignorar a guerra, um dia certamente ela nos interessará. Nas palavras de Dal Lago, interpretando Trotsky:“(…) por mais que se possa desinteressar-se da violência organizada, esta termina por nos preocupar diretamente” (DAL LAGO, 2010, p. 9, minha tradução). É curioso notar, como um assunto tão relevante e constante em nossas vidas, direta ou indiretamente, acaba sendo ignorado nos estudos da sociologia, sendo, como salienta Dal Lago, tratado como uma“(…) exceção, uma anomalia a ser ignorada” (DAL LAGO, p. 81, minha tradução). Pois, afinal, a guerra é um fato social, uma construção criada pelos homens em conjunto, e sua dimensão social não deve nunca ser esquecida, muito pelo contrário, o valor de seu estudo para a sociologia deve ser sempre salientado.

Seguindo o pensamento de Dal Lago, a guerra acaba sendo mais tratada nas ciências humanas como história bélica, das armas, como estudo dos conflitos históricos e o jogo estratégico militar que faz parte de sua configuração; sendo que acabamos não refletindo sobre o tema em um aspecto mais amplo e social, negligenciando características de sua essência que podem ser ligadas as contradições do homem e de sua vida em grupo. Pois, como diria a *dialética marxista* ou até mesmo a *teoria crítica da sociedade* atualizando os conceitos de Marx para entender o capitalismo tardio, somos permeados por contradições, a nossa história social move-se pelos antagonismos, seja pelo meio do embate entre o homem e a natureza, ou as lutas de classes que configuram a nossa história. Entender a guerra como um conjunto de contradições, é trazer a discussão para a sociologia, e, portanto, este trabalho pretende discutir a guerra por três vieses: a natureza humana, o medo e as desilusões, e trazer essa discussão para o campo sociológico, tendo como embasamento metodológico autores da sociologia, tais como Karl Marx, Karl Mannheim e Walter Benjamin, para realizar a intermediação com os outros autores que tratam o tema fora da sociologia

Assim, este trabalho está dividido em três partes. Na primeira questionamos se a guerra é algo inerente a natureza humana, buscando em pensadores clássicos das ciências humanas que nos ajudam a discutir a

nossa natureza e nos lançam idéias de como relacionar esta com a guerra. Na segunda parte, temos uma reflexão sobre o medo e como ele está presente nas tramas da guerra, e como também ele a impulsiona fazendo com que guerras sejam feitas pela busca de sobrevivência, desde o grego Tucídides até reflexões mais atuais, pode-se demonstrar que a relação entre o medo acompanha a guerra. Por fim, algumas palavras sobre a desilusão, e como um conflito pode nos deixar a beira da insanidade, e questionar todo o significado do mundo, atores como Sigmund Freud e Walter Benjamin explicam como uma guerra pode nos deixar atormentados e desiludidos. Enfim, que este artigo ao menos instigue as pessoas a refletir mais sobre essa nossa terrível criação.

Seria a guerra algo natural?

O célebre pensador Karl Marx, em seus extensos estudos sobre o homem e os modos de produções que criamos ao longo da história, entende que revoluções, lutas entre classes antagônicas, enfrentamentos, são uma constância e necessários para alcançarmos o seu mundo ideal comunista, onde somente existiria uma classe triunfante, e acabaria assim, os domínios decorrentes dos antagonismos de classes, a força que conduz a história humana, pondo um fim às desigualdades. Revoluções pressupõem a idéia de uma mudança total, e uma guerra, pode muitas vezes ser a antítese de uma revolução, o agente que repressor de mudanças, provocador de regressões. Porém, como demonstra Raymond Aron (1990) em *As etapas do pensamento sociólogo*, no entendimento de Karl Marx, o uso da força, da violência, não deve ser evitado para o bom funcionamento de uma revolução, e ligando esse pensamento contido em Marx com o tema: guerras podem, também, significar uma decisão de diretrizes, combustíveis de mudanças e revoluções, e podem ser entendidas como algo necessário para alcançarmos certos fins. Importante ressaltar, que esta idéia do uso da violência para alcançar o sistema social desejado não é uma unanimidade na sociologia. Aron demonstra que Augusto Comte classifica as guerras como anacrônicas, e diferente de Marx, um “profeta da violência”, o positivista pode ser classificado como o “profeta pacífico”, considerando que o mundo pode transforma-se sem o derramamento de sangue.

Todavia, contrariando Comte, muitos acreditam que a guerra é um mal necessário para alcançarmos um fim mais justo. Noberto Bobbio (1982) em *El problema de la guerra e las vías de la paz*, trabalha essa idéia ao tentar compreender o entendimento de Immanuel Kant, dizendo que o filósofo acreditava que as guerras tinham um grande poder transforma-

dor, podendo servir até mesmo a fins pacíficos e justos. Assim, embora a palavra guerra possa ser entendida de forma positiva, que visa conduzir a uma melhora, como no entendimento de Kant, ou em certa medida, no uso da violência para Marx, porém, a guerra como um fato de destruição, ou o que ela é literalmente é, está longe de ser algo visto como positivo se encarada no sentido de um confronto bélico entre povos, nações ou Estados. A guerra, para o bem ou para o mal, é uma criação humana, e podemos ligar ela a nossa suposta natureza a destruir, corromper, agir com violência, a não aceitação do outro e do que é diferente de nós. Assim como os animais lutam entre si na natureza para sobreviver, lutamos pela nossa sobrevivência fazendo guerras pelos motivos mais complexos e inexplicáveis, disfarçados muitas vezes por pretextos bobos que nos fazem crer que somos civilizados ao começar uma guerra por causa da morte de um arquiduque (o pretexto/estopim utilizado no início da primeira grande guerra).

Se a prática da guerra pode ser ligada a uma suposta natureza humana que tende ao caos, é importante compreendermos o que seria essa tal natureza. Buscamos explicações para os nossos atos mais obscuros, e muitas vezes não conseguimos encontrar uma resposta suficientemente racional, cientificamente comprovada, que explique as atitudes humanas. Gostamos de dizer que é culpa da tal “natureza do homem”, mas seria realmente o homem naturalmente maligno? Há inúmeras tentativas de respostas para essa pergunta, e podemos também encontrá-las entre os pensadores clássicos das ciências humanas.

Jean-Jacques Rousseau, no seu célebre *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade*, vai afirmar que naturalmente não somos monstros ávidos por destruição, mas que a sociedade nos corrompe, ela gera as diferenças, evidencia e cria desigualdades entre os homens que a formam, criando todos os sentimentos que tentamos evitar, como a inveja, a raiva, a cobiça; o que nos leva a roubar, matar e guerrear. Partindo desse pressuposto de Rousseau de que a sociedade nos torna desiguais, seriam as diferenças, e por conseqüência a crueldade, disputas de interesses e guerras, inevitáveis? Como lidar com nossa própria evolução, que aos poucos nos salva do conflito com a natureza selvagem, mas nos lança a um novo conflito, onde nossos rivais são nossos semelhantes?

Para nos protegemos de nós mesmos, do nosso “estado de natureza”, criamos o Estado em termos civis, o governo, com suas leis, códigos de conduta e punições, e tentamos evitar que a lei do mais forte prevaleça em nossa sociedade. John Locke e Thomas Hobbes, respectivamente em *Dois tratados sobre o governo* e “*Leviatã*”, cada um ao seu modo, nos deixam claro que o Estado é necessário ao homem para ao menos não

acontecer mais injustiças que aconteceriam caso não existisse o “gigante Leviatã” que nos repreendesse. Locke nos deixa bem claro está situação de que viver no estado de natureza é praticamente impossível, não existe segurança ou algum tipo de proteção, e o homem mesmo sendo livre no estado de natureza, entende que precisa abdicar dessa total liberdade e unir-se em sociedade para garantir, no mais extremo dos casos, a sua própria vida:

Se o homem no estado de natureza é livre como se disse, se é senhor absoluto de sua própria pessoa e suas próprias posses, igual ao mais iminente dos homens e a ninguém submetido, por que haveria ele de se desfazer dessa liberdade? Por que haveria de renunciar a esse império e submeter-se ao domínio e ao controle de qualquer outro poder? A resposta evidente é a de que, embora tivesse tal direito no estado de natureza, o exercício do mesmo é bastante incerto e está constantemente exposto à violação por parte dos outros, pois que sendo todos os reis na mesma proporção que ele, cada homem um igual seu, e por não serem eles, em sua maioria, estritos observadores da equidade e da justiça, o usufruto que lhe cabe da propriedade é bastante incerto e seguro. Tais circunstâncias o fazem querer abdicar dessa condição, a qual, conquanto livre, é repleta de temores e de perigos constantes. E não é sem razão que ele procura e almeja unir-se em sociedade com outros que já se encontram reunidos ou projetam unir-se para a *mútua* conservação de suas vidas, liberdades e bens, aos quais atribuo o termo genérico de propriedade (LOCKE, 2005, p. 495).

Claro, que a criação de um Estado civil não garante nossa igualdade, mas ao menos evita que vivamos em um estado de guerra ininterrupto “de todos contra todos”, em termos hobbesianos. Numa contradição interessante, a sociedade evita, teoricamente, que nos matemos como se estivéssemos em uma selva, mas ao mesmo tempo cria uma nova “selva”, essa, camuflada de princípios civilizatórios, onde não vivemos mais no estado de natureza selvagem, porém nem por isso a natureza humana desaparecesse, ou no pensamento de Rousseau: é nesse ponto de querer-mos viver em sociedade que nos corrompemos. Assim, após realizarmos o pacto de viver em sociedade, aceitando suas regras e deveres, os nossos defeitos e interesses ainda continuam existentes, a própria criação da sociedade é um interesse comum a todos, mas não porque desejamos a construção de algo melhor, a sensação que fica é que nos unimos em

sociedade mais para nos salvarmos do inevitável do que com intuito de evoluirmos para algo que dignifique sermos chamados de seres racionais.

Seja no estado de natureza, em sociedade, ou protegidos por leis estatais, as guerras continuam, multiplicam-se as sociedades, criamos através dos tempos as Pólis, depois os Estados-nações, e as diferenças entre as diversas civilizações acompanham os seus desenvolvimentos. Em um mundo onde a tendência natural de eclodir guerras, como prova a história, não pode ser evitada, acabamos por termos que aceitar que guerras acontecessem, mesmo tentando evitá-las, e habitamos um mundo extremamente propício ao caos. Neste mundo cercado por guerras e disputas, como agir? Como se defender e lutar por sua sobrevivência?

Niccolò Machiavelli conhecia muito bem as características desiguais de nosso mundo, e sabia que em todos os cantos existem trapças, cada um defende os seus próprios interesses e ninguém está disposto a lutar pelo bem comum. Dado essas condições, como deve agir um líder para construir uma nação próspera e cheia de virtude? Machiavelli deixa sua opinião em *O Príncipe*, e não reluta em dizer que um grande estadista deve ser severo quando achar que essa conduta é necessária, pois os fins justificam os meios, e se estamos cercados por injustiças, assim devemos agir até alcançarmos o fim necessário.

O autor salienta que se um bom líder quer ter alguma chance de sucesso e sobreviver em um ambiente hostil, não pode “[...] deixar nunca de se preocupar com a arte da guerra e praticá-la na paz ainda mais mesmo que na guerra” (MACHIARELLI, 2006, p. 67). Por conseguinte:

O príncipe deve ler histórias de países e considerar as ações dos grandes homens, observar como se conduziram nas guerras, examinar as razões de suas vitórias e derrotas, para poder fugir destas e imitar aquelas; sobretudo, deve fazer como teriam feito em tempos idos, certos grandes homens, que imitavam os que antes deles haviam sido glorificados por suas ações, como consta que Alexandre Magno imitava Aquiles, César a Alexandre, Cipião a Ciro. E quem ler a vida de Ciro escrita por Xenofonte, reconhecerá, depois, na vida de Cipião, quanto lhe foi valiosa aquela imitação e quanto se assemelhava ele, na abstinência, afabilidade, humanidade, liberdade, ao que Xenofonte disse de Ciro. Um príncipe sábio deve observar estas coisas e nunca ficar ocioso nos tempos de paz; deve, sim, inteligentemente, ir formando cabedal de que se possa valer nas adversidades para estar sempre preparado a resistir-lhe (MACHIARELLI, 2006, p. 68).

Estes conselhos que mais parecem terem sido escritos por um general em um livro sobre táticas de guerra, chegando a citar vários líderes consagrados de batalhas no passado, evidenciam um mundo onde a guerra é uma constância e admitida como algo natural, e se assim a é, a guerra ao mesmo tempo em que pode ser entendida como conquistar, subjugar o outro, também significa sobrevivência, pois se a guerra está por todos os lados, existe o medo de ser conquistado, escravizado e destruído, agir primeiro que seu inimigo pode significar a sua vida. E o que todos esses pensadores clássicos podem nos atentar sobre a natureza humana e o que isso pode ser aplicado ao entendimento das guerras, é que seja a nossa natureza boa ou ruim, o fato é que temos a tendência a guerrear, e admitir isso, seria um grande passo para sanarmos essa terrível verdade.

O medo que nos leva a agir

O medo pode nos oprimir, fazer com que perdemos nossa força e coragem diante dos acontecimentos. Este estado de pânico provocado pelo medo pode ser observado quando passamos por tempos de crise. Karl Mannheim, o teórico da *sociologia do conhecimento* e seu método de extensa investigação histórica, em *Diagnóstico de nosso tempo*, ao tentar compreender o momento de profunda crise por qual a humanidade passava durante a Segunda Guerra Mundial e a ascensão dos regimes fascistas, entende que o medo pode nos oprimir e também instigar reações, despertar nosso espírito de resistência e de luta contra adversidades, em outras palavras, o medo e a opressão pode fazer com que queiramos sair de uma situação adversa. E se há algum benefício na guerra é que ela abre os olhos da humanidade, ela mostra que há um esgotamento, e cria uma frente unida, uma uniformidade, entendendo que a situação atual deva mudar e o medo de que tudo continue gerando caos impele o homem a mudanças. Não é a toa que a guerra é criada por dois lados opostos, e nenhum desses lados quer sair como derrotado, pois a derrota pode significar tempos difíceis, opressão, perder aquilo que amamos, ou até mesmo a escravidão ou nosso derradeiro fim, o medo de morrer, desaparecer, tensão constante em uma guerra.

Em suma, sua mensagem é a de que o momento de crise gera uma vitalidade fundamental que nos impele a agir. O ser humano é feito de reconstruções, de altos e baixos, necessitamos desses momentos horríveis para aprendermos com os erros e construir forças com a finalidade de melhorar. Do mesmo modo entendemos a sociedade, e em um momento extremo como uma guerra cria-se essa “vitalidade fundamental” nas pala-

bras de Karl Mannheim, e é inegável dizer que a guerra ao mesmo tempo em que destrói e separa, também constrói uniões, sela parcerias, que buscam modificar a situação insuportável do presente. O medo é pensar se o homem em geral comportar-se como um indivíduo que desiste de tudo, pare de questionar, um suicida, entregado a derrota, porque se fossemos assim, poderíamos estar fadados a um mundo governado por regimes autoritários, aos moldes nazistas. Nisso, é certo afirmar que uma guerra contém um alto nível de tensão onde o medo de perdê-la e receber as conseqüências da derrota são fatores que impulsionam as pessoas a agir. Por isso, o medo da derrota, além de ser algo freqüente no durante a guerra, também é um fator que também a impulsiona: em um mundo hostil, onde você desconfia de seu inimigo, o agir primeiro pode resultar em sua sobrevivência. Porém, o medo, não está presente somente em quem é atacado, ele faz parte do jogo da guerra e não pode ser descartado de um dos fatores que conduzem ao estopim de um confronto.

Agora observemos que a relação entre medo e guerra está tão presente em nossa antiguidade quanto em tempos atuais.

Começando pelo passado, onde o historiador da Grécia Antiga, Tucídides, fez um importante e minucioso estudo da Guerra do Peloponeso em *História da Guerra do Peloponeso*, explicando os reais motivos dessa guerra, afastando-se das meras explicações dos pretextos apresentados na época e pautando por uma pesquisa ao máximo racional e objetiva, além de utilizar a história como seu auxiliar e se atentando sempre aos fatos realmente verificáveis. Tucídides alerta que a principal razão para o desencadeamento do que ele chama o mais importante evento ocorrido no mundo grego até então (maior em importância do que a Guerra de Tróia e do que as Guerras Médicas contra os Persas em sua opinião, porque os combatentes encontravam-se no ápice de seus poderes), foi o medo dos lacedemônios (outro nome para designar os Espartanos) do crescimento do poderio de Atenas, como essa passagem deixa bem claro:

Os lacedemônios votaram que o tratado estava rompido e que se devia fazer a guerra, não tanto por terem sido persuadidos pelos discursos dos aliados, mas porque temiam que fosse mais longe o poder dos atenienses, vendo que eles já tinham em suas mãos a maior parte da Hélada (TUCÍDIDES, 2008, p. 117).

A honra dos lacedemônios também estava em jogo perante seus aliados, sem tocarmos no fato da vontade de conquistar a sua principal rival, Atenas, e as riquezas e glórias que isso iria trazer para Esparta, tornando-se a única soberana da Grécia e sem opositores para ameaçar

seu novo império, mas o que Tucídides nos mostra é que o medo é a razão principal que faz Esparta declarar guerra a Atenas e seus aliados. Pois imaginemos a Grécia Antiga, onde o sistema escravista vigorava e as pólis gregas mesmo partilhando de vários valores culturais entre si, ainda assim eram muito independentes e até bem divergentes em pensamento; visualizando esse cenário, a tensão entre os dois pólos opostos era algo constante e o medo de ser atacado ou conquistado também. Esta tensão, movida pelo medo, termina em culminar nesta enorme batalha, que iria acabar também por enfraquecer a civilização grega e mover ela rumo a seu declínio.

Esta tensão observada na Grécia antiga ganha sua versão moderna na Guerra Fria, onde o medo alcança proporções maiores, pois agora diz respeito ao mundo inteiro, a paranóia dita o rumo da bipolaridade mundial entre Estados Unidos e União Soviética, tomando o mundo de assalto com a iminência de uma possível destruição da vida com o simples apertar de um botão e o lançamento de uma bomba que destruía uma cidade inteira em segundos: a evolução das armas nucleares e a Guerra Fria colocavam o futuro humano em risco.

O avanço tecnológico das armas, somado a destruição causada pelas duas grandes guerras, juntamente com todo o processo de globalização, aonde as informações chegam mais rápido e se torna mais difícil mascarar os pretextos de guerra, criam um novo modo de se fazer guerra, onde o medo é explorado para validar um confronto. Do fim da Segunda Guerra para os dias atuais, chegando à guerra iraquiana, o que se tem observado são guerras que possuem um caráter supostamente humanitário (ainda mais depois do fim da guerra fria, onde não existe mais a bipolaridade, e se usa o argumento de que a paz duradoura não pode ser ameaçada), preventivo, guerras que visam evitar a “quebra da paz”, guerras contra o terror, guerras que visam levar “a democracia” a lugares que supostamente necessitam dela.

Com o aval das Nações Unidas (ONU), os confrontos teoricamente são conduzidos com o intuito e ambições de assegurar a subsequente preservação da paz, mas o que observamos na prática são potências preocupadas em manter o seu poderio e garantir o seu domínio sobre os mais fracos, como demonstra Danilo Zolo em *Cosmópolis*, livro em qual Zolo (1997) salienta como as guerras atuais são conduzidas pelas potências e camufladas com ideologias e pretextos de que elas são necessárias para evitar conseqüências ruins ao mundo. Desse jeito, as potências criam um quadro maniqueísta, onde elas e seus aliados buscam a harmonia mundial e seus inimigos são uma ameaça a vida humana. O discurso usado é o da busca de um sonhado mundo cosmopolitano, onde os conflitos existentes

não são para conquistar, mas teoricamente, visam um suposto “mundo melhor”, onde não há diferenças e motivos para a guerra: o típico mundo ideal e globalizado para o capitalismo financeiro atuar com total liberdade. Em suma são discursos que tentam justificar o injustificável, e criam motivos vergonhosos para uma invasão, como o perigo do Iraque ter armas de destruição em massa que nunca foram encontradas.

Claro que grandes ditadores como Saddam Hussein ou Slobodan Milosevic, cometeram seus crimes, oprimiram e levaram a morte a tantos, e em um mundo justo, mereciam um julgamento e punição. Mas isso não justifica que seus atos sejam usados como pretextos para a ação de guerras e o estabelecimento de novos domínios por parte dos mais fortes. Encontramo-nos em um mundo onde o tom do politicamente correto é imposto a nós, e muitas vezes, ele é usado como uma ferramenta ideológica para nos impor um tipo de pensamento global, cosmopolita, que concorde com todas as ações de quem dita as ordens. E as guerras, não estão longe desse discurso contraditório: o terrorismo, ditadores, são postos como “politicamente incorretos”, portanto, tem que ser eliminados de nosso mundo “avançado” e civilizado”, porém, o problema é que ninguém explica que quem alega-se humanitário e protetor da paz, é tão perigoso e corrupto, quanto qualquer ditador.

Da reflexão de Zolo (1997) chegamos a mais recente do sociólogo italiano Alessandro Dal Lago (2010), em *Le Nostre Guerre* (As nossas guerras, traduzido do italiano), onde o autor tece críticas contra o modo incoerente como as guerras são conduzidas na atualidade, principalmente no que tange a chamada “Guerra ao Terror”, e os eventos que sucedem o 11 de Setembro, com o direcionamento do olhares voltados para o Oriente-Médio, o “velho inimigo do Ocidente” que ressurge. Em uma nova cruzada, os Estados Unidos e seus aliados atacam o Oriente Médio e iniciam uma patrulha contra o terror no mundo, mais uma vez contando com as garantias das Nações Unidas que legitimam os argumentos das invasões e propiciam um pensamento raso e maniqueísta que defende a tal cruzada contra o terror. Dal Lago mostra que a tática de chamar o inimigo de terrorista é confusa, pois quem é o inimigo realmente? O Estado iraquiano, afegão? Os terroristas podem ser classificados como civis? Como separar civis e terroristas, em uma guerra urbana onde o inimigo não é classificado como um Estado, mas chamado de terror? Não é a toa que guerra e guerrilha se misturam no Iraque e no Afeganistão, pois o inimigo pode ser qualquer um, não é um exército, não há uma batalha em um campo determinado, a batalha é nas ruas e são os civis árabes que acabam sofrendo a consequência, além dos soldados que praticamente não sabem o que estão fazendo no meio de um deserto longe de suas terras natais.

O ato de se fazer guerra a um inimigo que é mal definido resulta em mais uma nova paranóia movida pelo medo, onde se espalha a idéia de que o inimigo pode estar próximo de você, há o pânico de que um ato terrorista possa acontecer a qualquer instante, pois o inimigo é invisível, ele não possui forma definida. Aproveitando-se do medo paranóico que ilude as pessoas e a fazem acreditarem que além de terem que lidar com todos os problemas da vida cotidiana, da violência urbana, precisam se preocupar também com o tal terrorismo, mentiras são forjadas para legitimar novas guerras e mais desilusões no mundo são criadas, pois ficamos perdidos em determinar quem está certo ou errado, quando todos os governos parecem mentir. O medo agora também se torna o não saber mais em quem acreditar.

Portanto, enquanto houver guerras, existirá o medo. O medo pode ser de boa valia ao homem, ele nos acorda e alerta para lutarmos e nos precavermos contra os infortúnios, ele produz reações que podem ser decisivas, todavia, aprendemos que o medo pode ser manipulado e usado como uma arma. E o medo como uma tática de guerra, torna-se uma arma muito poderosa. Além do que o temor saudável é aquele que não nos oprime, aquele que somente avisa-nos para termos cuidado, não um temor que nos fazem ficar dentro de casa imaginando coisas irreais.

Desilusões e pobreza de experiências

Uma guerra como já foi dito neste trabalho pode significar a sobrevivência de muitos, mas ela sempre custa caro para todos os envolvidos, mesmo aos sobreviventes: muitas vidas são perdidas, os cenários mais terríveis de destruição são formados diante de seus olhos e desilusões são inevitáveis, podendo deixar qualquer um próximo da insanidade. A desilusão faz parte da guerra e também de nosso mundo moderno. Os pensadores da Escola de Frankfurt esforçaram-se para entender o século XX e as mudanças que o capitalismo tardio trouxe para o mundo. Analisando essas mudanças pelos olhos da *teoria crítica*, lançaram suas atenções sobre os regimes fascistas e autoritários que inundavam a primeira metade do século XX, o que levou, obrigatoriamente, a compreender as terríveis guerras mundiais que compuseram esse período. Não é de se estranhar que, portanto, muito dos autores dessa escola da sociologia, se debruçaram sobre o tema. Como demonstra em *Perfiles filosófico-políticos*, Jürgen Habermas, ao entrevistar Herbert Marcuse, discute dentre os assuntos abordados como foi lidar com a ascensão desses regimes e as guerras que colocavam um grande ponto de interrogação sobre o futuro do mundo.

Será que nosso mundo iria ser governado por regimes autoritários? O período da Segunda Guerra era marcado por essa terrível preocupação, e as guerras que se sucederam, lançaram o mundo em um grande mar de desilusões, e questionamentos.

E a desilusão com as guerras não é somente um aspecto da modernidade, Tucídides, que foi general e viu de perto o que é um campo de batalha cheio de corpos despejados, escreve sobre a guerra médica:

Das ações antigas a maior foi a guerra médica; essa contudo, com duas batalhas no mar e na terra, teve uma decisão rápida. Essa guerra, porém, prolongou-se muito e acarretou para a Hélada, no seu decorrer, provações como não houve outras em tempo igual. Jamais tantas cidades foram capturadas e devastadas, umas por bárbaros, outras pelos próprios povos que estavam em luta (algumas houve que, capturadas, trocaram os habitantes), nem tantos exílios e mortes, devidos quer à própria guerra, quer as revoltas internas. Também o que por conta da tradição se dizia, mas que a realidade muito raramente confirmava, não pareceu inverossímil: terremotos que, ao mesmo tempo, atingiram grande extensão de terra e foram os mais fortes; eclipses de sol que em relação ao que se lembra de tempos antigos ocorreram com maior freqüência; grandes secas em certas regiões e, em conseqüência delas, fome e ainda o que foi causa de dano considerável e, em parte, de destruição, a epidemia da peste. Tudo isso, de fato, se acumulou junto com esta guerra (TUCÍDEDES, 2008, p. 29).

Nesta passagem, o historiador sério e racional, parece lamentar o horror da guerra profundamente, chegando a abandonar uma linha mais científica para evidenciar a devastação do embate entre gregos e persas, ao citar vários desastres naturais que ocorreram na mesma época do confronto. Alguns podem entender como uma passagem meramente emotiva de Tucídides, uma parte onde o autor parece demonstrar-se supersticioso ao ligar a guerra a fenômenos da natureza que hoje seriam tratados como apenas coincidências, contudo não há como negar que esta passagem exprime com brilhantismo a catástrofe de uma guerra e todo o seu sofrimento.

Se a desilusão com a guerra já estava presente em nosso mundo antigo, onde a glória e a honra tinham uma importância significativa na cultura da guerra, e os heróis dessa época eram grandes generais e combatentes, como Alexandre e César; todavia a desilusão aumentou na medida em que as guerras tornam-se mais destrutivas. As guerras napole-

ônicas ainda possuem uma essência de heroísmo, Napoleão foi admirado por muitos, tanto quanto foi odiado por tantos outros, mas a primeira guerra mundial marca nossa história como uma guerra onde dado o tamanho de destruição e mortes, o lado heróico da guerra não é mais algo tão valorizado como fora no passado dos grandes guerreiros. A terrível guerra de trincheiras vitimou muitas vidas humanas para que alguém saísse contagiado pelas “glórias feitas de sangue”. Esse caos que foi a primeira guerra é observado por dois grandes pensadores: Sigmund Freud e Walter Benjamin, o que nos ajuda a entender a desilusão que ela criou.

Freud faz uma análise sincera em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* demonstrando toda sua incerteza quanto ao futuro e também da vida da parcela não combatente da população. Ele critica o Estado moderno que permite mentiras conscientes e enganos intencionais, em outras palavras, um Estado que apela para falsidades, sem nenhuma moral, que não liga para a conseqüência de suas mentiras, um Estado que gera a violência e conduz a guerra de acordo com seus interesses. Freud, ainda julga os seus contemporâneos como pessoas iludidas pensando que são mais civilizadas do que os antigos, e toda a máscara do suposta evolução civil da modernidade cai no estopim da maior guerra até então. E um Freud desiludido e melancólico, porém realista, afirma que a guerra:

Nos despe das camadas de cultura posteriormente acrescidas e faz de novo aparecer o homem primitivo em nós. Ela nos força novamente a ser heróis, que não conseguem crer na própria morte; ela nos assinala os estranhos como inimigos cuja morte se deve causar ou desejar; ela nos recomenda não considerar a morte de pessoas amadas. Mas a guerra não pode ser eliminada; enquanto as condições de existência dos povos forem tão diferentes, e tão fortes as aversões entre eles, há de haver guerras (FREUD, 2010, p. 246).

E Freud não está sozinho em suas observações, Walter Benjamin escreve talvez o texto mais desiludido e de tom amargurado que este artigo pode citar sobre a temática das guerras. Em *Experiência e pobreza*, encontramos um Benjamin terrivelmente preocupado com os caminhos traçados da modernidade, tudo parece fútil e vazio nos tempos modernos, as experiências estão sendo perdidas e ninguém mais quer ou consegue comunicar suas experiências aos mais jovens segundo o autor, a pobreza de experiências parece reinar no vazio da modernidade. E a guerra contribui para esse enfraquecimento de idéias, Benjamin assinala:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras (BENJAMIN, 2010, p. 114-15).

Esses dois autores demonstram como o início do século XX e a 1ª Guerra Mundial nos lançam em um mundo de desilusões e questionamentos acerca da guerra. Com a posterior Segunda Guerra Mundial e os confrontos da Guerra Fria, o homem toma medida das proporções terríveis que uma guerra aliada à alta tecnologia pode culminar. Zolo (1997) nos diz que o século XIX e XX, mesmo com a criação de ambiciosos regimes com a finalidade de assegurar a subsequente preservação da paz após grandes guerras (a Santa Aliança é considerada por Zolo a primeira instituição criada pelas potências com algum intuito de assegurar paz, mesmo que isso seja somente fachada, depois temos a criação da Liga das Nações, criada depois da primeira guerra, e a atual, Nações Unidas, que é formada no final da segunda guerra), o que acontece é justamente o contrário, observamos uma explosão de guerras e de conflitos, uma mais terrível que a outra. Somando as duas grandes guerras, temos como resultado dezenas de milhões de mortos, e de 1935 até o ano de 1997 em que Zolo escreve *Cosmópolis*, são constatados 130 conflitos armados registrados e 35 milhões de mortos.

Essa contradição em que, na teoria buscamos a paz mundial através de organizações institucionais que tem entre a eliminação de guerras uma das suas principais finalidades, e o aumento do número de registros de confrontos organizados, nos lança em um mundo de questionamentos que nos fazem consideravelmente duvidar se as guerras realmente um dia serão eliminadas. Os rumos do início deste século demonstram que a terrível realidade das guerras ainda continua, ela assume novas táticas e formas, mas na essência é o mesmo confronto organizado que almeja a destruição e conquista de um inimigo. É difícil não pensar em um futuro pessimista para a relação entre a humanidade e as guerras, e o que podemos esperar pela frente: mais disputas por petróleo? Guerras pela água? Mais guerras por território? Neste cenário onde a natureza humana

e o medo imperam, as decepções nos atormentam. Com isso, podemos buscar nesses autores um melhor entendimento sobre este tema, e talvez, encontrarmos um conforto e soluções para o que enxergamos nos noticiários todos os dias.

Considerações finais

Concluimos que o fator guerra pode ser analisado pelos mais variados aspectos, mas na sua essência, ela é alimentada por nossos desejos de destruição, nossas ambições e vontade de conquistar, aliado a nossos medos e suspeitas, que demonstram nossa tendência a desigualdade e as contradições pelas quais o ser humano é constituído. Podemos ser os mais racionais possíveis, nos chamarmos de civilizados e superiores, porém, continuamos a praticar atos que nos envergonham e nos fazem questionar se somos tão racionais quanto pensamos. E a guerra demonstra a mais extrema faceta de destruição em grupo do homem, é algo gerado pelo social, e não podemos esquecer isso, ninguém faz uma guerra sozinha, ela é gerada e construída socialmente. Adolf Hitler não provocou a Segunda Guerra Mundial sozinho, ele teve o apoio de seu povo, e mesmo que ele tenha os convencido com sua ideologia, o povo alemão o apoiou e ajudou a construir essa guerra. Portanto, entender a guerra como algo socialmente construído é de máxima importância, assim como podemos realizar uma guerra, também somos capazes de impedi-las, e pode parecer loucura, devaneios e ingenuidade, e uma negação do que foi posto nesse trabalho de que a guerra é algo inevitável, mas temos os meios de combater nossas contradições e desigualdades, basta percebermos que temos em nossas mãos a escolha entre destruir ou não, consertando e evitando nossos erros. Continuar a denunciar os horrores da guerra é um caminho para que talvez um dia, em um futuro que ainda parece bem distante, entendermos que precisamos nos preocupar com coisas que nos tragam mais benefícios, do que explodir pessoas pelos fins mais egoístas possíveis.

Referências bibliográficas

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Mágica e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010, p. 114-20.

BOBBIO, Norberto. *El problema de la guerra y las vías de la paz*. Barcelona: Gedisa, 1982.

DAL LAGO, Alessandro. *Le Nostre Guerre*. Roma: Manifestolibri, 2010.

FREUD, Sigmund. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 209-29.

HABERMAS, Jürgen. Marcuse. In: *Perfiles filosófico-políticos*. Madrid: Taurus, 1971, p. 227-96.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LOCKE, John. *Dois tratados sobre o governo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MACHIAVELLI, Niccolò. *O Príncipe*. São Paulo: Coleção Mestres Pensadores, 2006.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1980.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os Pensadores: Rousseau*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso – Livro I*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZOLO, Danilo. *Cosmopolis: Prospects for world government*. Cambridge: Polity Press, 1997.